MUTIRÃO +CULTURA

AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO LITORAL DO PARANÁ E SUAS HISTÓRIAS

Editora UFPR

AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO LITORAL DO PARANÁ E SUAS HISTÓRIAS

CÁSSIA DE OLIVEIRA VIEIRA

ILTON GONÇALVES

VALDIRENE CORDEIRO DA SILVA

Organização

Ana Josefina Ferrari

Editora UFPR

Curitiba, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Projeto Mutirão + Cultura

Reitor
Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora
Profª. Drª. Graciela Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR
Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf

Coordenadora de Extensão
Profª. Drª. Maria Virgínia Filomena Cremasco

Coordenador de Cultura
Prof. Dr. Rodrigo Arantes Reis

Diretor da Editora UFPR
Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR
Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo

Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia
Drª. Bruna Marina Portela

EQUIPE
Apresentação e organização
Profª. Drª. Deise Cristina de Lima Picanço
Fernanda Cristina Lopes
Pamela Cristine de Oliveira

Editoração
MAE

Projeto Gráfico
Victor Uchoa

SUMÁRIO

Apresentação 6

Introdução 15

As comunidades quilombolas do litoral do Paraná 16

Comunidades quilombolas no Paraná: histórico e políticas públicas 19

Rio Verde e Batuva: formação e história 22

Sugestões para o professor 29

Materiais de consulta 32

Referências 34

Equipe 35

Apresentação

MUTIRÃO[1] NA ESCOLA: práticas e saberes para compartilhar na sala de aula

Este fascículo faz parte da coletânea paradidática **MUTIRÃO NA ESCOLA: práticas e saberes para compartilhar na sala de aula**, a qual se propõe a partilhar com os professores, pedagogos, educadores e alunos uma parte dos resultados das atividades desenvolvidas nos últimos anos pelos participantes do projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

A coletânea, apresentada em cinco fascículos, tem como propósito trazer conhecimentos e perspectivas sobre as práticas e os saberes das comunidades do litoral do Paraná e sua diversidade étnica e cultural, para que possam ser trabalhados por todas as escolas do estado, já que muitas das atividades aqui propostas tiveram a participação de comunidades escolares.

A intenção deste conjunto paradidático, portanto, é fornecer ao professor algumas reflexões e sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, visando a construção de conhecimentos sobre a cultura e os modos de vida do litoral, como parte da problematização das várias formas de viver e pensar as práticas cotidianas de comunidades caiçaras[2] urbanas e rurais, indígenas e quilombolas – grupos sociais muitas vezes silenciados ou invisibilizados.

Para trabalhar com esses modos de vida a partir da compreensão dos sujeitos que neles constroem sua existência, partimos da ideia de Néstor Canclini[3] de que,

1 Mutirão, prática que dá nome ao projeto, caracteriza-se por ser uma atividade coletiva em que todos participam de algum modo para a realização de alguma tarefa importante e que seria muito difícil realizar sem a colaboração de toda a comunidade, como a colheita da roça, o arrasto da rede de pesca, a preparação de alimentos, a construção de casas, entre tantas outras atividades.
Origem: do Tupi-Guarani pitibõ, popitibõ, picorõ, que significa "ajudar". Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os membros de uma determinada comunidade, reunindo-se todos em proveito ou de um de seus membros, ou de todos, como no caso da implementação de obra(s) de infraestrutura.
(DICIONÁRIO de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. Disponível em: https://www.dicionariotupiguarani.com. br/dicionario/mutirao/. Acesso em: 6 ago. 2019)

2 O termo caiçara tem origem tupi-guarani: caá-içara denomina as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, além de corresponder ao instrumento feito de galhos de árvores fincados na água para cercar os peixes. Com o tempo, o termo passou a ser usado para denominar as comunidades que vivem ao longo do litoral dos estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. (DIEGUES, A. C. S. Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, n. 5. p. 9. São Paulo: NUPAUB-USP, 1988).

3 CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. Tradução: Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

na América Latina, tivemos uma permanente história de construção de culturas híbridas. Nesse longo processo, a modernidade passou a equivaler à noção de pluralidade, mesclando relações entre grupos hegemônicos e subalternos, tradicionais e modernos, cultos, populares e massivos.

Uma das críticas do autor aos recentes estudos sobre cultura popular refere-se ao fato de se interessarem mais pelos bens culturais (objetos, músicas, lendas) do que pelos sujeitos geradores e consumidores desses bens. Analisando as investigações sobre cultura, Canclini percebe que, nesses estudos, cultura popular pertenceria àqueles desprovidos de patrimônio ou que não conseguem o seu reconhecimento e a sua conservação como tal. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observado nos artesãos: por não serem tratados como artistas, suas obras não participam do mercado de bens simbólicos e de seus processos de legitimação. São também populares nesses estudos os espectadores dos meios de comunicação de massa que, excluídos dos processos formativos mais institucionalizados, são considerados inaptos para consumir a alta cultura, por não dominarem a terminologia e a história dos estilos artísticos. Contrário a essa perspectiva, Canclini propõe que os estudos da cultura popular exigem que nos livremos da pretensiosa concepção de autonomia absoluta ou de uma pureza dessas práticas, assim como do desejo complacente de autossuficiência, como se fosse possível ignorar as indústrias culturais, o turismo, as relações econômicas e políticas com os mercados nacionais e transnacionais de bens simbólicos. Isso porque, para o autor, na cultura popular não há uma simples e pura repetição ordenada das tradições. Nela são confrontadas muitas práticas e muitos rituais são transgredidos por meio da incorporação de temas, costumes e tecnologias, como nos carnavais, nos bailes

de fandango e na produção, divulgação e preservação de saberes como os da pesca, do mutirão e da confecção de peças de artesanato.

Esta coletânea, portanto, busca contemplar os objetivos das ações do Eixo 1 do Projeto **Mutirão +Cultura** – que se refere à atuação junto à Educação Básica –, conforme edital do MEC/MINC. As ações do Eixo 1 trabalharam com conhecimentos e conteúdos resultantes do mapeamento cultural colaborativo e do inventário das práticas culturais do litoral do Paraná, e também do desenvolvimento e proposição de metodologias didáticas, como as Caixas Didáticas, a Contação de Histórias e as Rodas de Leitura, metodologias contextualizadas a partir da memória, de histórias, de representações e de identidades do litoral. Posteriormente ao processo de formação dos professores, educadores e agentes culturais vinculados às comunidades selecionadas, foram elaboradas propostas de atividades pedagógicas com a finalidade de servir de material de difusão da diversidade e pluralidade cultural do litoral a professores e educadores de outras regiões do Paraná e do Brasil.

Esperamos que a implementação de projetos temáticos vinculados aos conhecimentos das comunidades do litoral do Paraná nas escolas seja uma estratégia que possibilite abordar questões relacionadas aos saberes e práticas culturais, à educação ambiental, linguística e histórica e às noções de hospitalidade, de alteridade e de cidadania.

A partir dessas breves considerações, passamos a apresentar os fascículos que compõem a coletânea. Todos eles são resultado das ações previstas no Projeto **Mutirão +Cultura** e desenvolvidas nos últimos dois anos.

O primeiro fascículo trata das atividades de **Turismo na Escola: uma proposta para o Ensino Fundamental**. Tais ações referentes às práticas do turismo partem da percepção de que, além de contar com praias de fácil acesso, o litoral é um local com grande diversidade de opções de lazer, que atraem moradores de outras regiões do Paraná. Entre elas, destacam-se os banhos de mar, de rio e de cachoeira, as visitas aos monumentos e ao patrimônio histórico e cultural, os passeios de barco pelas paisagens das baías e ilhas de Antonina, Paranaguá, Guaraqueçaba e Guaratuba, a experiência de conviver com moradores das propriedades rurais de Morretes, Antonina, Guaratuba e Guaraqueçaba e as visitas aos centros e caminhos históricos e à cadeia de montanhas da Serra do Mar.

O fluxo turístico na região se intensificou a partir do século XX, com a construção, pavimentação e melhorias das estradas que ligam a capital do estado aos municípios litorâneos. As iniciativas de investimento em infraestrutura, além de possibilitarem o acesso ao porto de Paranaguá e às rotas comerciais nas proximidades de Curitiba, viabilizaram o desenvolvimento das atividades balneárias e os passeios pelas diferentes paisagens do litoral. Partimos da premissa, portanto, de que o turismo como prática pedagógica torna-se essencial para que os educandos estejam preparados para receber e acolher os visitantes, para fazer uma análise crítica sobre as práticas do turismo e compreender as diversas possibilidades de realizá-lo, trazendo benefícios para o lugar em que vivem por meio do compartilhamento de saberes e da organização social de sua comunidade. Para tanto, as propostas pedagógicas baseiam-se nos modelos de práticas aplicadas nas escolas municipais Antônio Barbosa Pinto,

em Guaraqueçaba, e Iraci Miranda Kruger, em Guaratuba, promovidas no marco do projeto **Mutirão +Cultura** entre 2015 e 2018.

O segundo fascículo trata das atividades desenvolvidas com as comunidades indígenas do litoral que resultaram na exposição **Nhande Mbya Reko: Nosso Jeito de Ser Guarani**, realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em Paranaguá. Essa exposição se caracteriza por ter sido o resultado de uma curadoria compartilhada. Em geral, na museologia, a curadoria se refere tanto ao conjunto de ações para a formação, conservação e documentação das coleções quanto aos procedimentos necessários para a montagem de uma exposição. Numa versão compartilhada ou colaborativa de curadoria, todas as decisões sobre a exposição são tomadas em conjunto. Nessa exposição participaram da curadoria a equipe do museu (antropólogos, museólogos, designers e um fotógrafo) e representantes das cinco comunidades indígenas guarani participantes, todas elas localizadas na região do litoral do Paraná ou em suas imediações.

É importante ressaltar que os Guarani são um povo indígena que vive em territórios da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil. A população guarani é de aproximadamente 284.000 pessoas, das quais 85.255 se encontram no Brasil, em diversas terras indígenas e cidades de vários estados (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA). Ainda que a região do litoral do Paraná seja considerada um território tradicionalmente guarani, como demonstram dados históricos e arqueológicos, as comunidades enfrentam grandes dificuldades para usufruir dessas terras, de forma que lhes permitam desenvolver seu modo de vida.

Hoje, as terras que cada comunidade ocupa são insuficientes para desenvolver atividades de subsistência tradicionais, como o cultivo da roça e a caça. Por essa

razão, os Guarani desenvolvem há décadas o artesanato como modo alternativo de obtenção de renda, tornando-o fundamental em muitas comunidades. Entretanto, isso não quer dizer que seja um simples produto econômico. Os artesanatos guarani refletem aspectos de sua cosmologia e da sua religiosidade. Foi a partir desses aspectos e das narrativas que as propostas de atividades contidas nesse fascículo foram elaboradas.

O terceiro fascículo da coletânea, **As comunidades quilombolas do litoral do Paraná e suas histórias**, busca dar visibilidade às práticas, aos saberes e às percepções sobre o modo de vida dos moradores de Batuva, uma das comunidades quilombolas do estado do Paraná. Batuva e Rio Verde são as duas comunidades remanescentes quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, e estão localizadas a 36 quilômetros do município de Guaraqueçaba. No estado do Paraná existem 86 comunidades quilombolas identificadas, sendo que 37 delas já são certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Ainda assim, muitos dos municípios não sabem da existência dessas comunidades, que permanecem em lugares de difícil acesso.

As Comunidades de Remanescentes de Quilombolas (CRQs) do Paraná, assim como as de todo o território brasileiro, tiveram sua formação no período da abolição do regime escravocrata. Apesar dos conflitos com os latifundiários e madeireiros, os trabalhadores das comunidades rurais quilombolas permanecem com sua cultura e tradição como um símbolo de resistência, reivindicando os direitos quilombolas e as implementações das leis e das políticas públicas que asseguram esses direitos. O fascículo traz algumas atividades sobre a história dessa comunidade e de seu modo de vida a partir dos relatos de seus moradores.

O quarto fascículo apresenta atividades sobre o **Fandango caiçara no litoral do Paraná**. A cultura do fandango está presente em diferentes momentos da vida social das comunidades caiçaras, como nos casamentos, batizados e aniversários, ocupando papel importante no cotidiano delas. A partir do fandango, criam-se laços de solidariedade e convivência, disputas e alianças. O fandango, com algumas inovações, permanece até os dias de hoje como um elemento essencial na sociabilidade caiçara, e seus mestres, batedores e compositores são muito respeitados em suas comunidades.

Para trabalhar com o tema do fandango nas escolas, o fascículo propõe uma construção coletiva de conhecimentos sobre os instrumentos, os passos do bailado e uma pesquisa sobre o pássaro que dá nome a uma das canções de fandango mais conhecidas das comunidades caiçaras.

O último fascículo, **Blocos e escolas em Antonina: Bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais**, trata das práticas e saberes que envolvem as atividades desenvolvidas com a comunidade do Boi Barroso, bloco carnavalesco (boi de mamão) do litoral do Paraná. A brincadeira do boi integra o imaginário narrativo popular e, por ser uma história difundida oralmente, está espalhada pelo Brasil em diversas versões, apresentadas no período do carnaval, nas festas juninas e julinas e em agosto, quando se comemora o dia nacional do Bumba Meu Boi. No Brasil e no estado do Paraná, há várias formas de viver o período do carnaval. Há cidades com desfiles de escolas de samba e blocos carnavalescos e outras em que os bailes acontecem em clubes ou associações. Em algumas regiões, há comunidades que não "pulam" o carnaval, e para outras esse é um momento que corresponde ao início de um período de orações.

Esse período faz parte da cultura dos brasileiros e paranaenses e inclui diversas práticas sociais que convivem na maior parte das cidades.

Para conhecer o trabalho de resgate e realização da brincadeira do boi, esse último fascículo apresenta a versão de enredo apresentada pela comunidade do Boi Barroso, seus principais personagens e a marchinha que acompanha o desfile. Como proposta para a escola, há a possibilidade de fazer uma contação de histórias do enredo ou mesmo representá-lo teatralmente, culminando numa grande brincadeira. Outras duas histórias são apresentadas para contação, baseadas na compilação de histórias das capelinhas católicas da cidade. Esse trabalho, liderado pelas irmãs Vera, Delma e Pilar, resultou na exposição Rogai por Nós, parte das atividades do Projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

As comunidades quilombolas do litoral do Paraná e suas histórias

Quilombo deriva da palavra kilombo, da língua ambundo, do tronco linguístico banto, com significado provável de "sociedade como manifestação de jovens guerreiros/as", guerreiros/as ambundos, os Bangala Também a etimologia da palavra deriva do quimbundo (kilombo) significando "acampamento", "arraial", "povoação", "capital", e ainda "exército" (PARANÁ, 2010).

Introdução

No Brasil, aproximadamente 10% da população vive em comunidades rurais, de acordo com dados da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Dessa porcentagem considerável, 1,17 milhão de pessoas são moradoras de comunidades quilombolas, segundo o diagnóstico que o governo federal propôs no programa *Brasil Quilombola*.

Mas como as comunidades quilombolas se formaram? Essas comunidades são compostas por descendentes de escravizados que se agruparam em diferentes partes do Brasil. O processo de formação aconteceu de diversas maneiras. Algumas foram se formando a partir de grupos de escravizados que fugiram das fazendas e ocuparam terras distantes na busca por uma vida longe das senzalas. Outras foram constituídas a partir de processos relacionados com a abolição da escravatura, momento no qual os libertos procuraram um lugar para continuar suas vidas.

Essa forma de organização, se analisada a partir dos dados históricos disponíveis, surge do descaso pelo Estado e pelos donos de terras desde a Primeira República. Nesse sentido, após a abolição da escravidão, as pessoas escravizadas que foram libertadas (especialmente as que moravam em ambientes rurais) ficaram em um espaço social e econômico desfavorecido, a partir do qual lutaram e lutam bravamente. Elas já não eram mais "da fazenda" e os proprietários, em muitos casos, não as contratavam como mão de obra, preferindo a contratação de imigrantes – os "colonos".

Esses libertos sabiam, sobretudo, fazer trabalhos rurais. Assim, alguns deles foram para comunidades de escravizados fugidos (quilombos) já constituídas durante todo o período da escravidão, e outros saíram à procura de terras em lugares longínquos e ali se estabeleceram após a abolição. As Comunidades Remanescentes de Quilombos (doravante CRQs) no Brasil são compostas por grupos étnico-raciais descendentes de escravizados que viveram e vivem sob constante opressão por parte do Estado e da sociedade desde a época escravocrata. Elas apresentam características específicas em sua organização social, nas práticas culturais e atividades econômicas.

As comunidades quilombolas do litoral do Paraná

Dentro desse contexto, as comunidades do litoral do Paraná foram constituídas historicamente no século XIX, após a abolição da escravidão, e estão localizadas no meio rural. Como vimos na Introdução, o período escravocrata é um dos momentos-chave para entender a formação dessas comunidades.

Algumas das terras que os quilombolas ocupam foram dadas como herança pelos antigos donos aos escravizados que nelas trabalhavam. É o caso, no estado do Paraná, do quilombo de Paiol de Telha, localizado em Guarapuava. Em outros casos, os remanescentes de escravizados saíram à procura de um território novo para viver, como no caso da comunidade de Batuva, no litoral. No final do século XIX eles se estabeleceram nessas terras para sobreviver e criar suas famílias. Posteriormente, entre o final do século XX e o início do século XXI, essas áreasforam reconhecidas pelo governo federal como comunidades remanescentes quilombolas, com a modificação do artigo 5º da Constituição, em 1988. A partir dessa data, as comunidades também tiveram amparo legal para realizar suas reivindicações fundiárias. Seus territórios estão contemplados no artigo 2º do Decreto 4.887/2003. Apesar de o decreto ser uma iniciativa relativamente recente do Estado, a elaboração da lei é um ganho sem precedentes e visa uma reparação histórica para descendentes de negras e negros escravizados durante séculos no Brasil. Mas, se por um lado a lei identifica e autentica essas comunidades remanescentes quilombolas, por outro, sua implementação é lenta.

Os órgãos que oferecem apoio e subsídios às CRQs são: a) a Fundação Cultural Palmares, que desempenha um papel importante criando projetos, políticas

públicas e principalmente certificando a existência dessas comunidades; b) o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que responde pela titularização das CRQs, esses títulos as comunidades têm ferramentas para buscar seus direitos; c) a Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas (DFQ), que lida com questões de estrutura regimental. Além disso, entidades de defesa dos direitos humanos, como a ONG Terra de Direitos no Paraná, também estão à frente das questões quilombolas, afirmando leis e políticas para esses grupos.

A Fundação Cultural Palmares afirma que há aproximadamente 3.051 comunidades quilombolas autodeclaradas em todo o Brasil (dados atualizados em 15/12/2017), 747 só na Bahia.. Mas, de acordo com a Fundação, esse número pode chegar a quase 5 mil comunidades remanescentes quilombolas, já que nem todas iniciaram seus processos de regularização fundiária ou foram certificadas pelo Estado brasileiro. Esse é um processo que cabe aos órgãos de transmissão de informações e dos direitos quilombolas e depende também da autoafirmação identitária dos membros das comunidades.

Comunidades quilombolas no Paraná: histórico e políticas públicas

No estado do Paraná existem 86 comunidades quilombolas identificadas e 37 já são certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Ainda assim, muitos dos municípios nos quais essas comunidades estão inseridas não sabem da existência delas, já queestão localizadas em lugares de difícil acesso, ou porque decidiram não iniciar processos no INCRA.

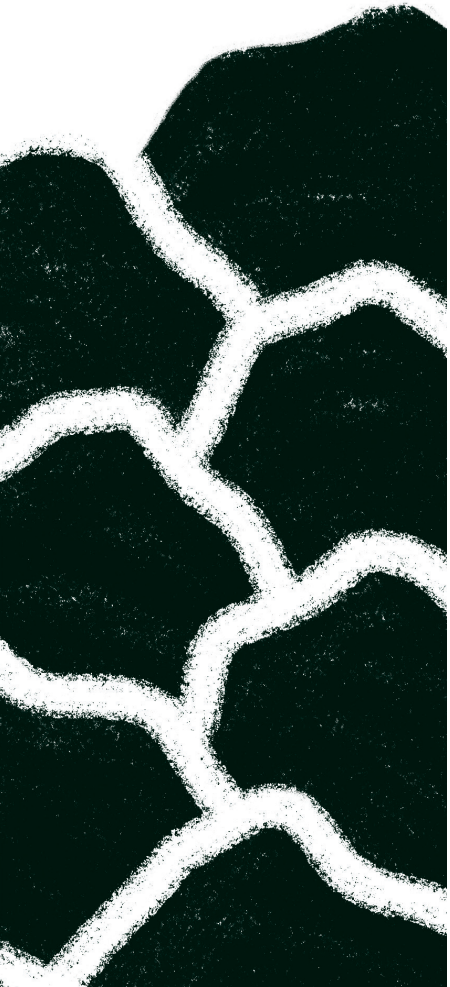
As CRQs do Paraná também começaram sua formação no período da abolição do regime escravocrata, em maio de 1888. Apesar dos conflitos entre latifundiários e trabalhadores negros, dasapropriações de terras por madeireiras e das guerras – como as do Contestado e com o estado de São Paulo –, as comunidades rurais quilombolas permanecem com sua cultura e tradição como um símbolo de resistência.

Cabe ressaltar que muitas dessas terras usadas para a reprodução social e cultural dos quilombolas foram herdadas dos antigos proprietários, que as deixaram em testamento para aqueles que nelas trabalhavam no período pré e pós-abolicionista. A maioria dessas terras se encontra em lugares longínquos e inóspitos. Com o afastamento das comunidades da área urbana, o Estado deixou de lado muitos quilombos e os serviços de educação, saúde, saneamento básico e infraestrutura ainda são muito precários.

Em 2005 foi criado o grupo de trabalho (GT) Clóvis Moura, que começou um levantamento para desmistificar a crença de que no estado do Paraná não existiam comunidades remanescentes quilombolas. Esse levantamento foi feito entre os anos de 2005 e 2010. O

Fotos: Ana Josefina Ferrari

grupo de trabalho percorreu todo o estado identificando essas comunidades. No site do GT Clóvis Moura as comunidades são organizadas por microrregiões. A maioria das CRQs encontradas está na microrregião de Cerro Azul. No litoral do Paraná, no município de Guaraqueçaba, foram identificadas somente duas comunidades que se reconheceram quilombolas, Rio Verde e Batuva.



Rio Verde e Batuva: formação e história

No litoral do Paraná, as comunidades remanescentes quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares são Rio Verde e Batuva. Essas comunidades estão localizadas a 36 quilômetros do município de Guaraqueçaba. A CRQ de Rio Verde é formada por descendentes de escravizados que vieram do município de Cananeia, no estado de São Paulo. Os "antigos", como são denominados pela comunidade, vieram caminhando pelos morros. Passaram pela divisa de São Paulo-Paraná, no caminho do Taquari, até chegarem à região do Sítio

Coqueiro, comunidade de Batuva. Esses primeiros quilombolas dividiram-se em dois grupos: um formou a comunidade de Rio Verde e o outro, a de Batuva.

O líder da CRQ Batuva, professor Ilton Gonçalves, tem uma história de luta e resistência com a comunidade. O professor percorre todo o Brasil reivindicando os direitos quilombolas e as implementações das leis e políticas públicas. Com uma caminhada de muitos anos nessa luta, é um professor amante da escrita poética. Em 2013 ele escreveu o livro *Minha triste alegre história de vida*. Nessa obra encontram-se relatos e vivências de um quilombola, líder, professor, pai e avô.

A seguir trazemos alguns escritos inéditos do professor Ilton Gonçalves sobre a história e a cultura da comunidade remanescente quilombola Batuva. Eles são ferramentas importantes para aprender sobre essas comunidades a partir da visão dos própripróprioss quilombolas. Nesses textos, Ilton Gonçalves relata como a comunidade quilombola de Batuva está hoje constituída.

13 Mini-Radiografia de Batura

1. A comunidade de Batura
Há mais de cento e quarenta anos existe.
Com todo percalço e resistência
Os hábitos, saberes, costumes e tradição
persiste.

2. Limita-se com município de Cananéia
Grande estado de São Paulo.
Onde viveram meus avós e meus pais,
Ali, no mesmo sítio ainda moro.

3. A trinta e dois quilômetros de distância
Da cidade Guaraqueçaba
Lugar humilde e carente.
Mas seu povo não perde a dignidade.

4. Com toda dificuldade e carência,
Mantenho a comunidade no coração.
Por estar juntinho dela
Sei a totalidade das residências e da
população.

5. Setenta e seis famílias permanentes
Temporários apenas oito.
No endereço BR quatrocentos e quatro
Agrupados no quilômetro dezoito.

6. Totalizando duzentos e sessenta e cinco habitantes.
Nem todos conhecem sua própria história
Dos habitantes total
Cento e quarenta se declaram Quilombolas.

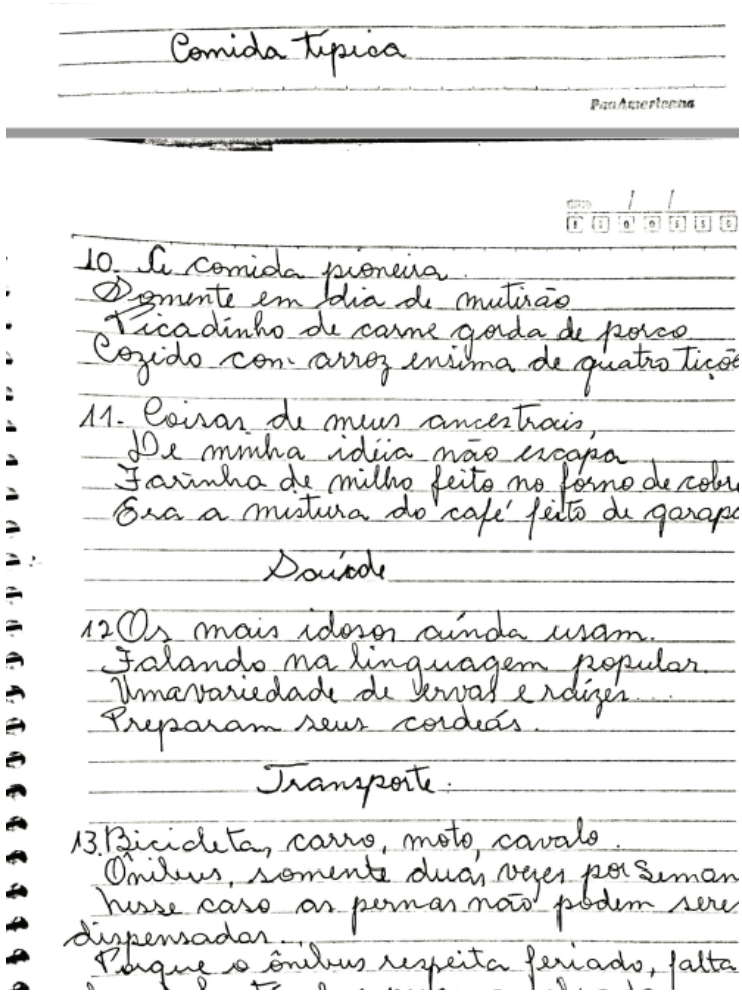
7 No meio da atual população de Batuva
Vinte e oito são aposentados.
Mostra que há um número expressivo de idosos,
De cinquenta e cinco a oitenta e nove anos de idade.

Sobrevivência

8. A principal atividade hoje,
Ainda é a plantação.
Arroz, mandioca, milho e legumes
Hortaliças, frutas, palmácia, e um pouquinho de feijão.

No passado

9. Eqüino, bovino, muito suíno e aves
Bom tempo que já se foi.
Hoje fauna e muita flora abundantes.
Pato, ganso, galinha e um pouquinho de boi.



Comida Típica

10. A comida pioneira.
Somente em dia de mutirão
Picadinho de carne gorda de porco
Cozido com arroz enxima de quatro tiçõ

11. Coisas de meus ancestrais,
De minha idéia não escapa
Farinha de milho feito no forno de cobr
Era a mistura do café feito de garapa

Saúde

12 Os mais idosos ainda usam.
Falando na linguagem popular.
Uma variedade de ervas e raízes.
Preparam seus cordiais.

Transporte.

13. Bicicleta, carro, moto, cavalo.
Ônibus, somente duas vezes por Seman
Nesse caso as pernas não podem ser
dispensadas...
Porque o ônibus respeita feriado, falta

Educação

14. Uma professora, dá aula pela manhã
Uma outra, dá aula depois.

Pan-Americana

Em uma única sala multisseriada,
Construída em setenta e dois

15. Após o quinto ano
A Guaraqueçaba tem que se deslocá.
Levantando as cinco horas da manhã
Para as sete e meia em Guaraqueçaba
chegar.

16. A merenda, uma das boas
Sempre um biscoito com chá.
Chegando as quatorze horas em casa
Aí sim, é que vai almoçar.

Comunicação:

17. Em relação a comunicação,
Somente um orelhão de péssima qualidade
Quando funciona um dia.
Trinta dia fica parado.

Ilton Gonçalves, texto não publicado

Valdirene Cordeiro da Silva, moradora da comunidade quilombola, também fez um relatosobre o que significa ser quilombola hoje:

Nasci e cresci na comunidade de Batuva, ouvindo histórias de sofrimento, luta e superação. Para mim eram histórias, não dava muita importância. Queria mesmo era afastar daquela realidade, ser do tipo que ninguém olhasse com discriminação pela minha cor, por ser pobre, por ser do Coqueiro. Hoje, casada e com dois filhos lindos, parei para pensar: meus filhos vão viver a realidade que vivi. As histórias precisam continuar. Precisam ser contadas ou, do contrário, serei uma pessoa que não tive passado.

Momentos para refletir: em um trabalho que é feito há muitos anos, por gerações, o que espanta não é a duração, mas sim a visão que se tinha e a que se tem hoje. Durante a colheita de arroz, a qual reunia ali três gerações, pais, filhos e netos, dois irmãos param por um instante e relembram o tempo que trabalhavam descalços, com frio, por não ter o que vestir, e de sua mãemãe, que catavacatava ali aquele arroz, corria para batebater, torrava no fogo, para assim poder pilar, matando a fome de sua família. Com o feijão a mesma coisa: catavam as vagens ainda verdes, e quando cozido o caldo não tinha nem cor. Hoje eles viam ninguém falando de torrar arroz nem cozinhando feijão verde. Ainda dizem que as coisa tá ruim. Será que estão melhores ou as tradições foram esquecidas?

Valdirene Cordeiro da Silva, texto não publicado.

Sugestões para o professor

Objetivo: abordar temas vinculados à formação e à história das comunidades quilombolas do litoral do Paraná.

Disciplinas relacionadas: História, Geografia e Português.

A leitura e discussão em sala sobre os dados, narrativas e temáticas apresentadas como sugestões nesta seção possibilitam que os alunos problematizem diferentes visões sobre as comunidades quilombolas e as contraponham aos relatos e vivências de descendentes de escravizados que habitam essas comunidades.

Para aprofundar o trabalho sobre as comunidades quilombolas do litoral do Paraná com a turma, sugerimos dois projetos de pesquisa que podem ser realizados pelos estudantes desde uma perspectiva transdisciplinar.

1. **Formação das comunidades quilombola: história e histórias**
   Nos textos foram descritos alguns modos de constituição dessas comunidades, porém não foram esgotadas as possibilidades. Com os alunos, levantem hipóteses (além das que

já estão no material) sobre como essas comunidades podem ter se configurado no Brasil e como os moradores e líderes quilombolas podem ter relatado sua história por meio de distintas narrativas. Para o desenvolvimento do projeto, disponibilize materiais de consulta em diferentes formatos e incentive os alunos a explorar textos variados.

2. **Leitura de mapas**

A leitura de mapas tem por objetivo propor aos estudantes que se aprofundem na problemática sugerida a partir da análise de dados, como diferentes quantidades e disposição geográfica das comunidades, por exemplo. A seguir, propomos trabalhar a questão a partir da leitura de mapas: você poderá utilizar o mapa que faz parte da seção **Comunidades quilombolas no Paraná: histórico e políticas públicas**, pesquisar outros mapas e até comparar diferentes mapas.

Nesse sentido, reunimos alguns questionamentos que poderão guiar a análise e discussão dos materiais:

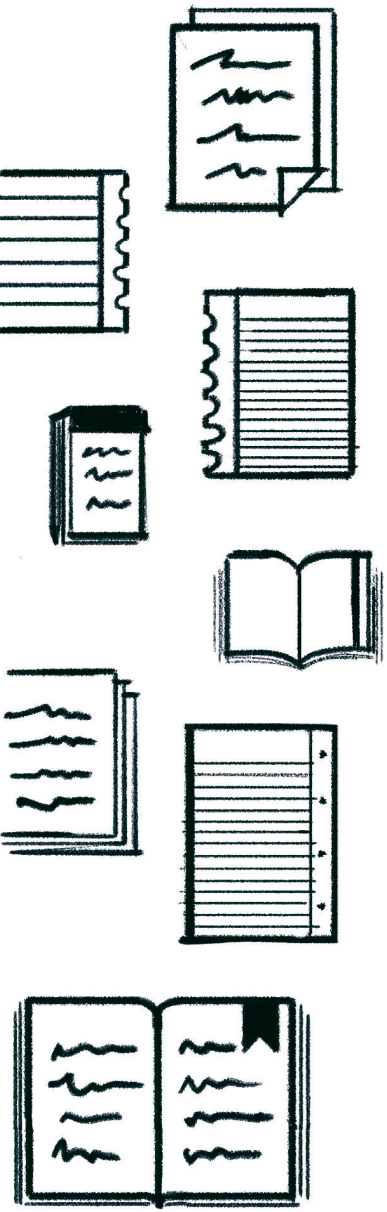
As comunidades quilombolas estão todas localizadas em ambientes rurais?

Perto de sua localidade há alguma comunidade quilombola?

Qual é a mais próxima? O que ela faz para subsistir?

Onde está a maior concentração populacional?

Elabore hipóteses sobre o motivo pelo qual há territórios nos quais há mais comunidades próximas. Para constatar ou refutar as hipóteses, consulte as fontes propostas a seguir.



Materiais de consulta

Para guiar a pesquisa, oferecemos um conjunto de sites nos quais podem ser encontrados dados detalhados sobre as comunidades do Brasil (INCRA) e do Paraná (GT Clóvis Moura). Esses dados servirão para complementar o trabalho em sala de aula. No caso específico do site do INCRA, podem ser consultados laudos antropológicos já realizados e vídeos de diferentes comunidades no território nacional.

SITES

Grupo de Trabalho Clóvis Moura

http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/

INCRA

http://www.incra.gov.br/quilombola

Fundação Cultural Palmares

http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551

Geledés

https://www.geledes.org.br/

IdentiAfrica

https://rmirandas.wixsite.com/identidafrica/single-post/2017/03/01/27-escritores-africanos-para-seu-conhecimento-e-quebra-estere%C3%B3tipos

Blog Mutirão das Memórias

http://mutiraodasmemorias.blogspot.com/

Diretrizes curriculares da Educação do Campo

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf

FILMES

Atabaque Nzinga (2007), Brasil. Direção: Octávio Bezerra (87 minutos).

Besouro (2009), Brasil. Direção: João Daniel Tikormihoff (95 minutos).

Ôrí (1989), Brasil. Direção: Raquel Gerber (91 minutos).

Quilombo Rio dos Macacos (2017), Brasil. Direção: Josias Pires (120 minutos).

LIVROS

CAVALLEIRO, E. S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FERRARI, A. J. *A voz do dono*: uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos. São Paulo: Pontes, 2006.

GONÇALVES, I. *Minha triste alegre história de vida.* Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013.

GONÇALVES, A. M. *Um defeito de cor.* São Paulo: Record, 2006.

Referências

BRASIL. Incra. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). *Perguntas e respostas*: 1970. Disponível em: www.incra.gov.br/. Acesso em: 10 out. 2018.

CAVALLEIRO, E. S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

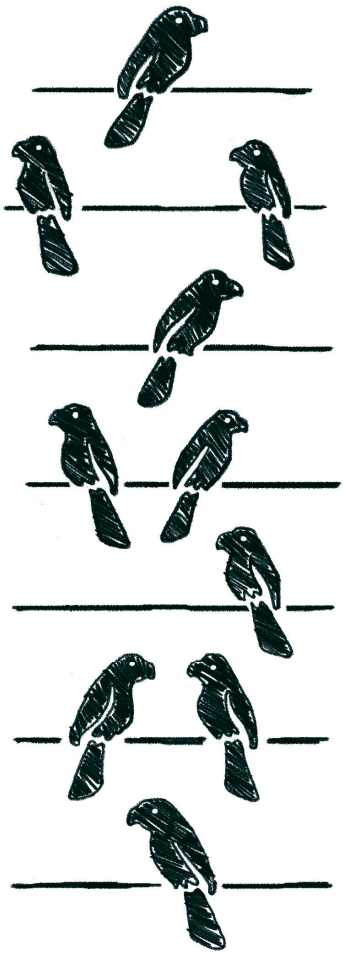
FERRARI, A. J. *A voz do dono:* uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos. São Paulo: Pontes, 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES (FCP). Instituição Pública. *Quadro geral CRQs*: 1988. Disponível em: http://www.palmares.gov.br. Acesso em: 10 out. 2018.

GONÇALVES, A. M. *Um defeito de cor.* São Paulo: Record, 2006.

GONÇALVES, I. *Minha triste alegre história de vida.* Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013.

PARANÁ. Secretaria da Comunicação Social e da Cultura. *Grupo de Trabalho Clóvis Moura*: Comunidades Tradicionais Negras - Remanescentes de Quilombos. 2010. Disponível em: <http://www.gtclovismoura.pr.gov.br>. Acesso em: 10 out. 2018.



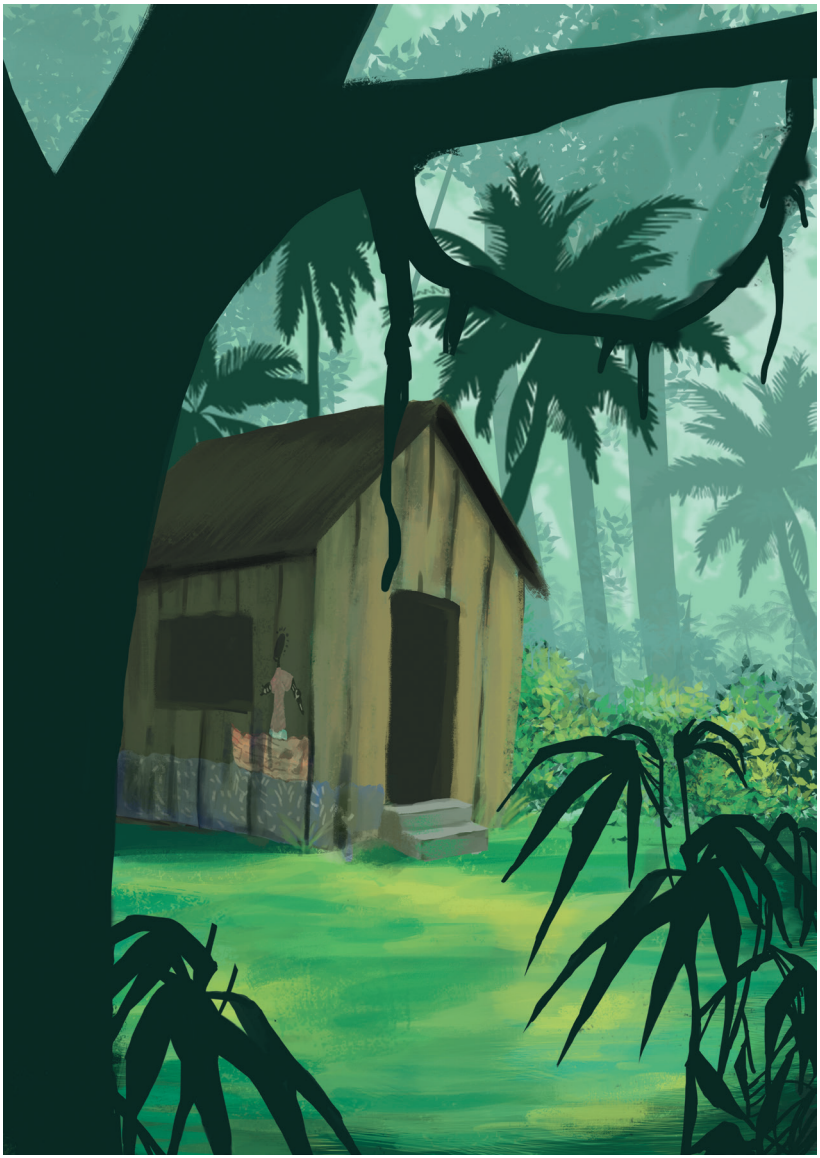
Equipe

Ilton Gonçalves

Valdirene Cordeiro da Silva

Cassia de Oliveira Vieira

Ana Josefina Ferrari



Ilustrações
Daniella Valendorff e Pedro Ramos

O projeto gráfico do Mutirão +Cultura foi criado a partir de um conceito: os rabiscos. As ilustrações de todos os fascículos remetem aos desenhos feitos nas bordas de livros e cadernos por todos que um dia já foram alunos. Para complementar e criar maior coesão no conjunto, cada caderno possui uma cor (ou uma paleta de cores) que remete ao tema tratado no fascículo.

Título
Mutirão +Cultura
As Comunidades Quilombolas do Litoral do Paraná e suas Histórias

Projeto Gráfico
Victor Uchoa

Revisão de Texto
Fernanda Cristina Lopes
Pamela Cristine de Oliveira

Revisão Editorial
Daniele Soares Carneiro
Lorena Klenk

Nº Páginas 40

ISBN 978-85-8480-215-9

Tipografia & Papel
Prater Sans Pro [título] e Ratio [texto]
Papel offset 120g/m² [miolo] e 180g/m² [capa]
Impresso na Imprensa da UFPR

Tiragem 300 exemplares

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS.
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

B651 Blocos e escolas em Antonina : bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais / organizadoras : Deise Cristina de Lima Picanço, Fernanda Cristina Lopes, Pamela Cristine de Oliveira. – [Curitiba] : Ed. UFPR, 2019.

49 p. : il., color. ; 22 cm.

Acima do título: Projeto Mutirão + Cultura.

Inclui referências: p. 47.

ISBN 978-85-8480-214-2

1. Folclore - Paraná 2. Bumba-meu-boi - Antonina (PR). 3. Danças folclóricas brasileiras - Paraná. I. Picanço, Deise Cristina de Lima, 1969- .
II. Lopes, Fernanda Cristina, 1993- . III. Oliveira, Pamela Cristine de, 1994- .
IV. Universidade Federal do Paraná. Museu de Arqueologia e Etnologia.
V. Universidade Federal do Paraná. Projeto Mutirão Mais Cultura. VI. Título.

CDD: 394.598162

CDU: 793.3(816.2)

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDITORA UFPR
Rua João Negrão, 280, 2º andar – Centro
Tel.: (41) 3360-7489
80010-200 – Curitiba – Paraná – Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br
2019

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Realização

UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PROEC
Pró-reitoria de Extensão e Cultura

mutirão cultura

Apoio

MINISTÉRIO DA CIDADANIA

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL